

DEBATER
A EUROPA

11

jul-dez 2014

QUE EUROPA(S)?
CONTEXTOS E DESAFIOS

EUROPA E OS ESTADOS UNIDOS

DURANTE A ADMINISTRAÇÃO KENNEDY

(1961-1963)

Miguel Estanqueiro Rocha

Professor Auxiliar Convidado na Universidade do Minho e na Universidade do Minho

Investigador Integrado CEIS20

E-mail: miguelrocha25@hotmail.com

Resumo

Com o objectivo de repensar as relações transatlânticas, importa analisar o período da administração Kennedy (1961-1963), no auge da Guerra Fria. A presidência de John F. Kennedy implicou uma nova abordagem da política externa americana, com implicações nas relações entre os dois continentes. Neste âmbito, faz-se o estudo dos momentos mais marcantes das relações transatlânticas durante este período histórico: crise do muro de Berlim; crise dos mísseis de Cuba; divergências franco-americanas quanto à NATO e ao futuro do projecto europeu; apoio americano ao princípio de autodeterminação das colónias e as respectivas consequências nos relacionamentos com os aliados da NATO – França e Portugal.

Palavras-chave: Europa; descolonização; Kennedy; Guerra Fria; europeísmo

Abstract

In order to rethink the transatlantic relations, it is necessary to consider the period of Kennedy administration (1961-1963), at the height of the Cold War. The presidency of John F. Kennedy involved a new approach to American foreign policy, with implications in the relationships between the two continents. In this context, a study of the most important moments of the transatlantic relations during this historical period has been made: the Berlin Wall crisis; Cuban missile crisis; Franco-American differences towards NATO and the future of the European project; American support

for the principle of self-determination of the colonies and respective impact on relationships with NATO allies - France and Portugal.

Keywords: Europe; decolonization; Kennedy; Cold War; Europeanism

O assassinato trágico do Presidente John F. Kennedy, em Dallas, a 22 de Novembro de 1963, transformou o jovem presidente americano num dos ícones do século XX. O assassinato posterior do seu irmão, Robert F. Kennedy, em 1968, aquando da sua candidatura à Presidência, quando parecia, para muitos inevitável, a eleição de um segundo Kennedy para a Casa Branca, engrandeceu ainda mais a lenda que rodeia a dinastia mais famosa, mas também trágica da história política norte-americana, encontrando-se os dois irmãos sepultados no cemitério de Arlington.

I. Kennedy: 50 anos depois

No entanto, o desaparecimento prematuro de John Kennedy colocou um problema nunca cabalmente resolvido aos historiadores e analistas: como avaliar historicamente um mandato tão curto, mas tão prometedor, no auge da Guerra Fria e num período de profundas modificações na sociedade americana, com grandes repercussões ainda nos dias de hoje? Passado o período de grande emoção provocada pelo assassinato do Presidente, que levou a uma glorificação da sua Administração, verificou-se uma revisitação crítica da sua presidência e personalidade; no entanto, nos últimos anos, algum distanciamento histórico possibilita-nos uma análise histórica mais equilibrada da sua presidência: a de um presidente que soube preservar a paz, no auge da Guerra Fria e que, no plano interno, foi o precursor das transformações ocorridas na sociedade americana, embora tenha sido Lyndon Johnson, o seu sucessor, o responsável pela aprovação da legislação inovadora e progressista, nos Estados Unidos, durante a década de sessenta.

Sem o choque provocado pelo assassinato de Kennedy, aliado à astúcia e conhecimento que Johnson tinha do Congresso, provavelmente não teria sido aprovado pelo Congresso a Lei dos Direitos Civis, em 1964 (Themido, 1995: 73). No entanto, a capacidade para fazer aprovar no Congresso as suas propostas fez de Johnson um dos presidentes com melhor recorde legislativo da história presidencial norte-americana, com paralelo só com os tempos do New Deal de Franklin Roosevelt (Sabato, 2013: 277); contudo, o seu desconhecimento da política externa e a sua insegurança neste